

UM CABO DE GUERRA NA MODERNIDADE – AS RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E O PODER

Sandro de Souza
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

RESUMO: A Educação e Poder, Controlado e Controlador são as duas faces de uma mesma moeda. A questão aqui a ser tratada é como a Educação sofre a ação das ideologias do Poder, e como se mantém aliada ao Estado/Poder, muitas vezes sem ter pleno conhecimento desta ação, essa dicotomia gera uma grande máquina de poder, gera uma máquina da educação, gera um mundo-máquina, e que curiosamente muitos acham que a uma relação é sempre harmônica e nunca de tensão. Destas relações a educação deve sobreviver como um elemento embora comprometido com o processo político, separado dele, sendo capaz de entender as suas próprias contradições e sua crise epistemológica. A quebra do processo ideológico que mantém a Educação atrelada ao Poder oportuniza o entendimento de sua real importância.

Palavras chaves: Educação, poder, cultura, crise, política educacional.

A HANDLE OF WAR IN MODERNITY - THE RELATIONS BETWEEN EDUCATION AND THE POWER

ABSTRACT: The Education and Power, Controlled and Controller is the two faces of a same coin. The subject here to be treated it is as the Education it suffers the action of the ideologies of the Power, and as he/she/it maintains formed an alliance with State/Power, a lot of times without having full knowledge of this action, that dichotomy it generates a great machine of power, it generates a machine of the education, it generates a world-machine, and that surprisingly many think to a relationship is always harmonica and never of tension. Of these relationships the education should survive as an element although committed with the political process, separate from him, being capable to understand its own contradictions and its epistemológica crisis. The break of the ideological process that maintains the Education harnessed to the Power opportunity the understanding of its real importance.

Key words: Education, power, culture, crisis, educational politics.

“Cada um de nós é como um homem que
Vê as coisas em um sonho e acredita
Conhecê-las perfeitamente, e então
Desperta para descobrir que não sabe nada”.
(Platão, Político)

A questão da Educação e do Poder sempre esteve presente em todo o processo histórico da humanidade, o “ser-político” e o ser - subserviente andam de mãos dadas nas intrincadas camadas constituídas na sociedade. O peso do capital sempre se fez presente nas dominações das estruturas sociais, Foucault em *Genealogia do Poder* faz alusões sobre a força econômica nas relações de poder com os segmentos sociais, isto gera relações profundamente complexas, além é claro, de uma quantidade imensurável de teorias que, ao longo do tempo, formam cemitérios culturais, frustrando dominados e às vezes dominantes. Em “*Vigiar e Punir*” Foucault dedica-se ao estudo da “disciplina”, instrumento, que tem como objeto final o controle, seja dos corpos, seja das mentes, seja das estruturas coletivas. “Uma ‘anatomia política’, que é também igualmente uma ‘mecânica de poder’” (Foucault, 2004, p.119), estruturando um processo dialético de transformação de teoria em práxis, escondendo-se tramas sociais como forma de ocultação, fugindo às vontades do indivíduo, fortalecendo-se pelo discurso, (re)-escrevendo e construindo uma prática nova para manter-se sempre no poder, buscando mecanismo de controle cada vez mais aperfeiçoados e elaborados, e utilizando como já dissemos do discurso como pano de fundo para a retro-alimentação da alienação e controle, o fenômeno cultural implica na relação homem X mundo, onde a cultura é a coisa a ser revelada e o discurso, o texto o instrumento de controle.

O senso comum, aqui exerce uma força poderosa sobre o tema, a minha tentativa e de justamente conseguir não cair nesta armadilha, embora o tema incite profundas discussões, muitas vezes ficamos presos ao lugar comum – reclamações sem ações práticas – a questão por si não reside em ter ou não soluções definitivas para os problemas discutidos, não é a formação de dogmas e paradigmas, mas sim apresentar variáveis rizomáticas, procedimentos que se tornem capilares como bem coloca Santos em sua análise foucaultiana. Tentarei sobre o viés da filosofia e da história identificar as possibilidades, pois acredito que a angústia gera alternativas que podem ser utilizadas como soluções mesmo que passageiras, pois a temporalidade e a dialética a temporalidade e a dialética constante levam o homem sempre ao encontro de novas rotas, produzindo dessa maneira novas soluções, para velhos problemas.

O caminho para isso talvez esteja como coloca Boaventura Santos:

“[em]... voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade.” (SANTOS, 2001. p. 59)

Esse retorno também é um gerador de tensões e dúvidas tendo suas raízes em nossa capacidade de agir e pensar, em nossa capacidade de buscar o previsível, e na insegurança que temos em nós de não acreditarmos que o simples, o óbvio e o básico são suficientes e

contém em si quase todas as respostas. O que retro-alimenta a que Deleuze e Guattari chamam de máquina de guerra e que Boaventura Santos chama de riscos de violência, o que talvez se anuncie seja ainda segundo Santos um paradigma emergente:

“Eu falarei do paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente. Com esta designação que significar que a natureza da revolução científica que atravessamos é estruturalmente diferente da que ocorreu na século XVI. Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem que ser também um paradigma social (o paradigma da vida decente)” (Santos, 2001, p. 74)

Educação e Poder, Controlado e Controlador são as duas faces de uma mesma moeda. A questão aqui a ser tratada é como a Educação sofre a ação das ideologias do Poder, e como se mantém aliada ao Estado/Poder, muitas vezes sem ter pleno conhecimento desta ação, essa dicotomia gera uma grande máquina de poder, gera uma máquina da educação, gera um mundo-máquina, e que curiosamente muitos acham que a uma relação é sempre harmônica e nunca de tensão.

Não são poucas as linhas de pesquisa que buscam as soluções sobre os problemas enfrentados pelo processo Educacional, influenciam ou tentam influenciar as estruturas do poder, acontecendo na maioria das vezes uma a ação contrária, sem sabê-lo o influenciador acaba sendo influenciado.

Liberalismo, Estruturalismo, Culturalismo, Positivismo, Marxismo Ortodoxo, Marxismo clássico e a Pedagogia do Oprimido, buscam se consolidar na atual conjuntura, seja a favor, seja contra, ou como acontece na maioria dos casos ficam a navegar os dois mares, o mar dos opressores e o mar dos oprimidos.

Devemos deixar claro é que a educação brasileira não é estática, mas ágil e está em constante renovação, como bem caracterizou GADOTTI (1998).

Estivemos presos, por mais de dois séculos, ao modelo Jesuítico educacional, uma educação rígida, tradicionalista, memorialista e repetitiva, que objetivava a manutenção da ordem, tanto clerical quanto laica. Os Jesuítas fizeram uma larga separação entre as classes dominante/dominada tanto na forma de cristianizar quanto na condução pedagógica; na primeira classe, a “dominante”, “Deus” ajudava e amparava, na “dominada”, “Deus” oprime, castiga e exige total subserviência. Assim, as ideologias pedagógico-culturais davam plena sustentação ao poder constituído, reforçando sua necessidade e demonstrado a sua importância e força. A história da dominação, não é um patrimônio nosso, nem nossa invenção, esta relacionada aos primórdios de nossa história, a história de toda a humanidade, a necessidade de manter e criar controles, utilizando todos os mecanismos possíveis e entre eles a linguagem e o conhecimento, os fiéis escudeiros do poder ou vice-versa. Em nosso caso a disputa pelo controle e poder dar-se desde o momento de nossa descoberta, ampliando-se no período de colonização, passando pela expulsão dos jesuítas, a formação do império e a proclamação da nossa república, sempre os grupos tramando de forma rizomáticas e capilares contra um único elemento; o cidadão

comum, a massa disponível para transformações ao ritmo das tendências criadas pelos oponentes que buscam a manutenção e o controle do PODER.

Dessa e nossa herança herdamos mecanismo falhos ou não, isso não importa, mas herdamos procedimentos e toda instrumentalização que visam manter os mecanismos criados pelo Poder, como a política educacional, a política econômica e as políticas públicas, entre outras estruturas que visam controlar todo o conjunto social do qual fazemos parte. Os corpos devem tornassem dóceis e obedientes, devem ser treinados e mantidos sobre pleno controle, criando uma hierarquização e normas a serem seguidas cegamente. Nesse exato ponto aparece um rizoma para contrapor as estruturas e metodologias ideológicas, Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* fazem uma leitura Foucaultiana sobre a Educação e o Poder, a educação passa pelo processo de leitura, do livro e esse é utilizado como um agenciamento do sujeito, a educação não passaria de uma máquina de guerra, uma máquina educacional atrelada ao sujeito, e que não teria nada a ver com ideologias, pois essas sobre a ótica de Deleuze e Guattari não existem, servem para coisificar o indivíduo, seriam raízes múltiplas sempre suplementando o objeto – A educação – essa estaria irremediavelmente ligada à estrutura da memória longa (família, raça, sociedade ou civilização) no dizer de Deleuze e Guattari (2002. vol. 1 p. 26), e se faz necessário esclarecer que a diferença entre a memória curta e a memória longa e que a primeira é subjetiva e a segunda está fadada ao esquecimento, sendo por isso necessário rizomas que mantenha em constante movimento, sempre estruturando e reestruturando o poder. Contendo em si o dualismo a Educação serve ao mesmo tempo ao poder e é o poder, pois estrutura-se concentrando-se em vários pontos e em nenhum ponto, mas sempre tendo o sujeito como objeto, a educação não é somente estruturas para reprodução, mas também criação e metamorfoseamento. Uma infinidade de possibilidades sobre roupagem distintas e distanciadas. A educação se mostra uma máquina, forte e blindada, mas ao mesmo tempo frágil por conter e ser por si máquina.

Necessário se faz, antes de aprofundarmos nesta temática, definir com especial clareza as diferenças entre **Educação, Saber, Conhecimento e Cultura**. Precisamos esclarecer as imbricações entre os **entes** citados. Questões que para muitos podem parecer elementares, mas que a práxis nos demonstra que utilizamos e conhecemos somente pela percepção do senso comum, sem os devidos conhecimentos das categorias que estão envolvidas a quais pertencem nos levando à percepção desesperadora, a de que não temos o pleno domínio do texto, de que não controlamos nosso discurso e estamos como barcos de papel no mar das informações, sempre prontos a sucumbir a uma nova onda de modismo. Quando não conseguimos visualizar com clareza as fronteiras que separam os significados de seus significantes, o que nos faz caminhar rumo a uma (re)-leitura dos significados, um (des)-cortinar reflexivo entre o conhecimento (pré)-estabelecido e os valores significantes das palavras trazidas ao mundo do senso-comum.

A palavra **Educação**, criou várias significações dentro do senso comum dos costumes sociais, e algumas delas fogem ao fim proposto. Alguns de seus sentidos têm como objetivo trabalhar com as vertentes do Materialismo Histórico-Dialético: o culturalismo e o estruturalismo. *Promover o aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas* é uma tendência culturalista. Já a questão estruturalista onde o conhecimento serve como prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia, cria uma idéia que educar é “adestrar”. Essa idéia de adestramento do corpo e da mente é muito bem trabalhada por Foucault em *Vigília e Punir*:

“O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las em um todo.” (Foucault, 2004, p. 143)

O Saber passa pela subjetividade humana, embora nos dias de hoje tente-se qualificar o **Saber** como conjunto de conteúdos adquiridos em determinada especialidade, *sapere* (latim) significa ter gosto, ter bom paladar, ter cheiro, sentir por meio do gosto, ter inteligência, ser sensato, prudente, conhecer, compreender, logo o entendimento só pode ser subjetivo, pois meu referencial de gosto difere dos de outros, embora possamos chegar a um valor comum, assim o **Saber** chega às raias do egoísmo, o saber constrói-se de dentro para fora, nunca o inverso. Podemos diferenciar a sabedoria do conhecimento:

- Sabedoria - Os gregos (de que herdamos o vocábulo) distinguiam frequentemente o saber (*episteme*), entendido como conhecimento teórico, da sabedoria (*sophia*) conhecimento simultaneamente teórico e prático. Recordo que, no seu significado etimológico, a palavra *filosofia* (que deriva de *philos* e de *sophia*) significa, por isso, "amor à sabedoria"
- Conhecimento – nele encontramos três níveis de entendimento: a informação, o próprio conhecimento e a sabedoria.

O conhecimento é a apreensão de qualquer "coisa" por meio do pensamento e a capacidade de tornar presente ao pensamento "aquilo" que se apreendeu. Segundo Kant “o que chamamos conhecimento é uma combinação do que a realidade nos traz com as formas da nossa sensibilidade e as categorias do nosso entendimento.

Podemos ou não podemos captar as coisas em si mesmas, mas apenas como as descobrimos através dos nossos sentidos e da inteligência que ordena os dados oferecidos por eles. Isto significa que não conhecemos a realidade pura, mas apenas como é o real para nós. O nosso conhecimento é verdadeiro mas não chega senão até onde lhe permitem as nossas faculdades. O que nos remete a uma ditado atribuído a Protágoras onde ele dizia que o homem é a medida do próprio homem. O homem contando apenas com os sentidos para poder apropriar-se do conhecimento contido no mundo, assim objeto a ser apreendido não é sozinho capaz de nos fornecer informações suficientes, nossos sentidos ficam encarregados de trazer o restante da matéria-prima para a elaboração ou como muitos dizem a construção do nosso conhecimento - não podemos *saber* absolutamente nada, e quando a razão especula no vazio sobre absolutos ou verdade A priori definidas em Kant tais como Deus, a alma e o Universo confundimo-nos em contradições irresolúveis. O pensamento abstrato, isto é, procede baseando-se em *sínteses* sucessivas a partir dos nossos dados sensoriais de nosso conhecimento A posteriori. Sintetizamos todos os dados relevantes que conhecemos para obter o conceito sobre determinado ‘objeto’, reunido os traços intelectualmente relevantes do diverso. A informação é o conhecimento obtido através da investigação ou de um outro mecanismo e por fim a sabedoria que é o justo conhecimento, ou científico ou inata.

Conhecimento e Cultura são muito utilizadas e às vezes o senso comum deforma seus significados e significantes criando interpretações simplórias e deformadas. A questão do Conhecimento está ligada à idéia, ao pensado, ao conhecimento de si mesmo e não à questão da notícia, da ciência enquanto cultura, esta visão do “conhecimento” já tomou vários rumos; antropológico, quando designa o conjunto de valores sociais e culturais de determinado grupo, em outras ciências, quando gera um conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou se aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Deixamos o léxico ocupar um espaço junto ao senso comum, não como prova definitiva da verdade, mas como auxílio esclarecedor. Já a Cultura pode ser definida como “O melhor que tem sido pensado e dito.” (Arnold, Mathew), construindo assim uma prática-histórica-social.

Com estas considerações podemos compreender o quanto é importante o controle do Conhecimento e da Cultura, elas mantêm o Poder e o autoriza como verdade, legitimando assim sua soberania, vale lembrar Altusser(1971):

“...os aparelhos ideológicos do estado, e particularmente as escolas representam as instituições mais importantes atualmente para assegurar o consentimento das massas à lógica da dominação capitalista. Isto é, a intervenção a qualquer nível – como o ideológico e sua encarnação estrutural mais poderosa, a escola – ganha força na medida em que pode colocar limites para autonomia relativa de outras instituições.”(Altusser, 1971, p. 59)

O Poder, quem o autoriza? A sociedade ou a economia?

A primeira questão, é definir o que é o Poder e como ele é constituído? M. Foucault em *Microfísica do Poder* - genealogia e Poder – faz algumas considerações, que por consideramos validadas estaremos nos apropriando.

“(...)O poder é o poder concreto que cada indivíduo detém e que cederia, total ou parcialmente, para constituir um poder político, uma soberania política.(Foucault,2002, p.174)

Podemos perceber que a função Poder, nasce de nossas próprias autorizações, quando o autorizamos a outrem, abrimos mão de alguns valores internos, sociais e culturais, para e pelo “bem” do todo sócio-cultural, é a isso retomamos a idéia de Contrato Social trabalhada por Rousseau, Hobbes, Locke e Montesquieu, que formaram a base da modernidade e, por conseguinte os primeiros laços e relações dos instrumentos com os objetivos – Poder e Educação - Francisco Franco em: *História Cultural – Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura* (2002) explica com clareza como se forma estas relações e como se criam os grilhões, uma troca, liberdade por necessidades. Perdemos a nós mesmos, para podermos nos unir ao conjunto cultural, que sofre ação direta do poder econômico e político ao qual chamamos Estado, assim não tem como nos livramos do discurso sobre o poder da coerção, aquele que o sujeito sem referencial se inscreve e que o

poder constituído exercer em toda a estrutura social. Uma válvula permitida para desabafar sem ação prática, mas que auxilia no exercício da manutenção da ordem estabelecida. Foucault em *Microfísica do Poder* (2002, p.175) conceitua com propriedade o Poder: “ (...) **O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe.**”

Assim como Hanna Arendt, inscrevo-me na necessária separação entre a educação e a política, embora compreenda que o homem é um “animal essencialmente político” como afirmava Aristóteles, olhando a educação com instrumento de construção e aprimoramento e não unicamente como instrumento de controle como vimos em algumas obras de M. Foucault, devemos o pensar educacional para educadores comprometidos única e exclusivamente como o saber:

“a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tornar possível a transição da família para o mundo e, subscrevendo a essencialidade do ensino no processo educativo, salienta a relevância das irredutíveis autoridade e competência dos professores os representantes do mundo.”(ARENDT. 2001. p. 42)

O Poder trabalhada a história, a linguagem e seus instrumentos de forma que “as verdades” não afluam, para que o Estado consolide sua hegemonia, de tal forma, que nada que esteja fora do alcance do seu controle possa ser tolerado, e embora não exista mais a censura, a questão em si e por si já é censurada, ampliando o tema, que aumenta seus complicadores, fazendo com que a sociedade constituída desfoque sua atenção, e todas as vezes que alguém ou algum grupo dedica-se em desvelá-la o Poder gera um novo caminho, Heidegger faz a seguinte colocação sobre como o poder age controlando quem acha que o controla:

“ A luta entre os que estão no poder e os que querem o poder é de ambos os lados, luta pelo poder. Em toda parte, o poder é o determinante. Com essa luta pelo poder, a essência do poder se desloca, em ambos os lados, para a essência de uma dominação incondicional. Todavia, aqui se esconde uma única coisa: que toda luta está a serviço do poder, sendo por ele querida. Antes de qualquer luta, o poder já se apoderou de todas elas. Só a vontade de poder consegue apoderar-se dessas lutas. O poder, entretanto, apodera-se de tal forma da humanidade que desapropria o homem da possibilidade de dispor de um caminho para sair do esquecimento do ser.” (Heidegger, 2002, p. 78-79)

A educação então é vista somente como um mecanismo de controle, com a função de adocicar os indivíduos, normalizá-los e prepará-los para um modelo social que atenda as necessidades básicas do mercado, da sociedade e das estruturas econômicas, perdeu-se ao longo do que se convencionou chamar de modernidade uma infinidade de valores, quase todos substituídos por um único valor, o valor do capital financeiro o valor econômico.

Voltemos ao foco: Poder e Educação podem coexistir? Estado e Escola, quem controla o que, e quem? Na busca por soluções, respostas ou sinais deparamo-nos com novas equações extremamente difíceis de serem respondidas. A primeira questão deveria facilmente ser resumida em um sonoro Sim, mas existe um elemento que altera várias regras do jogo, a política, o melhor significado que encontro para defini-la é um por derivação dos seus sentidos: aquele que diz ser a política uma série de medidas para a obtenção de um determinado fim ou fins, esse elemento é fundamental para entender as imbricações entre essas duas poderosas forças, mesmo porque a educação exerce poder fazendo dele um instrumento a seu favor da mesma forma como ele utilizada por ele. Esse poder que muitos chamam de Poder social, pode ser caracterizado de duas formas; o poder jurídico e o poder disciplinar, Boaventura Santos em *Crítica da Razão indolente*, demonstra com clareza quando analisa Foucault:

“ caracteriza [se] as duas formas de poder social do seguinte modo: o poder jurídico (ou estatal) assenta na teoria da soberania; é poder enquanto direito que se possui ou se troca; é um poder de soma zero; tem uma organização centralizada e é exercido do topo para base; distingue entre exercício de poder legítimo e ilegítimo; aplica-se a receptores ou alvos autônomos pré-existentes; fundamenta-se um discurso de direitos, obediência e norma. O poder disciplinar pelo contrário, não tem um centro; é exercido em toda a sociedade; é fragmentário e capilar; exerce-se a partir da base e cria alvos próprios com veículos para o seu exercício; parte do discurso científico de normalização e padronização.” (Santos, 2001, p.52)

Se formos nessa ótica puramente foucaultiana, reafirmaríamos aquele sonoro “sim” inicial, mas percebemos as armadilhas que ele contém e preferimos esse cabo de guerra que esses titãs (Poder e Educação) fazem, ora sendo um, ora sendo outro o vencedor, coexistindo de uma forma que não podemos chamar de pacífica. Mas toda tensão contém em si a coexistência, ela não seria capaz de existir sem essa interlocução. A segunda proposição traz a tona justamente o resultado desse cabo de guerra, onde a balança oscila sempre, parecendo às vezes um pêndulo. Entender-mos quem e o que é controlado pode ser simples, porém contendo como tudo que é simples pode causar-mos um profundo espanto. Curiosamente nem o Poder nem a Educação são os objetos do controle, mas sim o cidadão, o ser social, o controle visa a sociedade e não a si próprio, o que as vezes confunde que os pratica, pois ambos comportam-se como criadores e senhores de sua estruturas, mas acabam tornando-se servos de suas crias, isso Heidegger(2002, p. 126) demonstra com bastante facilidade no texto *Construir, habitar e pensar*: “ O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece como a senhora do homem.” E tanto a Educação como o Poder utilizam-se em excesso da linguagem para compor sua dominação.

Seguindo em busca das respostas da segunda proposição, deparamo-nos com Saviani, que me um conjunto de teses tenta apontar caminhos que talvez entrecruzem-se;

- “ tese 1- Não existe identidade entre educação e política.
tese 2 - Toda prática educativa contém inevitavelmente uma dimensão política.
tese 3 - Toda prática política também contém, por sua vez, inevitavelmente uma dimensão educativa.
tese 4 - A explicitação da dimensão política da prática educativa está condicionada à explicitação da especificidade da prática educativa.
tese 5 - A explicitação da dimensão educativa da prática política está, por sua vez, condicionada à explicitação da especificidade da prática política.
tese 6 - A especificidade da prática educativa se define pelo caráter de uma relação que se trava entre contrários não-antagônicos.
tese 7 – A especificidade da prática política se define pelo caráter de uma relação que se trava entre contrários antagônicos.
tese 8 – As relações entre educação e política se dão na forma de autonomia relativa e dependência recíproca.
tese 9 – As sociedade de classe se caracterizam pelo primado da política, o que determina a subordinação real da educação à prática política.
tese 10 – Superada a sociedade de classes cessa o primado da política e em consequência, a subordinação da educação.
tese 11 – A função política da educação se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica. (SAVIANI, 2002 p. 88-90)

Embora possa parecer confuso e dicotômico quando Saviane afirma: “*Não existe identidade entre educação e política.*” o autor deixa claro que são coisas distintas com características e perfis diferentes, embora os conjuntos de valores se permutem ao longo da coexistência muitas vezes pouco pacífica. Como as relações humanas elegem para seu primado à política, logo a educação fica a ele subordinada, embora não devesse ser assim, deveria a Educação servir de formadora de políticos e não instrumento de controle para esses.

Existe um sujeito histórico que não pode ser esquecido para a compreensão global destas relações – Poder e Educação – a apropriação da Dialética histórica marxista demonstra duas tradições com já citamos no início do texto: Os estruturalistas e os culturalistas. Tradições que geraram um sem par de refutações e (re)-(a)-firmações, uma das principais críticas pode ser vista em Aronowitz(1978):“ *O pensamento humano se torna mecanizado e a mente corresponde à máquina – um instrumento tecnizado, segmentado e degradado, que perdeu sua capacidade de imaginar outro modo de vida.*” Embora Aronowitz não condene totalmente a questão estruturalista, defende que a união das tradições estruturalista e culturalista produziriam um entendimento melhorado dos paradigmas aqui trabalhados. Não podemos nos ater em explicações reducionistas, mesmo porque o conflito é que faz com que existam as relações, e é do próprio conflito que irá nascer os referenciais teóricos para sua solução. Além do que, cada prática é única, pois *as classes exibem diferentes padrões de regularidades, diferentes padrões de pensamentos e maneiras de sentir, e cada uma registram os efeitos das divisões de classe de forma diferente, através de conjuntos de relações distribuídas desigualmente pela classe governante e sua cultura.* WILLIAMS(1965,1977).

O Estado, representante legal do direito ao poder (Bentham, Beccaria e Foucault) irá assegurar que tudo o que for feito ou vier a ser feito sirva como instrumento de utilização e manutenção de suas ideologias. Cabe a Educação redirecionar sua visão, criando um recorte cultural-filosofico-histórico, proporcionando condições para que seus professores e pensadores possam agir de maneira inequívoca a seu favor, deixando de acatar inconscientemente as teorias subliminares imposta pelo Poder constituído. A filosofia então se prestara para qualificar criticamente o educador. Devemos então (des)-construir o conhecimento, para (re)-criar uma nova aprendizagem, assim a educação vencerá seus grandes rivais: a ignorância, a falta de perplexidade e o conformismo e conseguirá manter uma relação diferenciada com o Poder. Nada é definitivamente certo a incerteza e a fluidez estarão sempre presentes e as possibilidades da criação do conhecimento estão também subordinadas as possibilidades existenciais. Assim existe um caminho alternativo para a conquista da hegemonia Educacional. Uma totalidade integrada, sujeita a um movimento gerado por sucessivas contradições, onde a dialética, seria orientada para uma finalidade última, a libertação. (Des)construir ou melhor (re)-construir a Educação, deve passar pelo processo de apreensão e entendimento da aprendizagem, que por sua vez, passa por um ato de mutabilidade e da própria liberdade, outra apropriação desta abordagem e a fenomenológica, que nos obriga a não recorrermos aos modelos prontos e acabados e estarmos sempre próximos ao fenômeno. Mas qual seria este fenômeno? O das transformações sociais, escolares e pedagógicas e humanas? Com certeza, as transformações passam por uma rede complexa de relações, “rizomas e platôs” e a educação não foge a esta regra, gerando uma teia infundável, a educação sofre a ação das ideologias do Poder.

Da aprendizagem deficitária surge à falta de criatividade, esta gera a indisciplina, que muitas vezes vem associada à violência, mantendo assim a dependência da Educação ao Poder constituído do Estado, pois para minorar o impacto destas anomias, atrela-se as estruturas organizadas pelo Estado para controlar a sociedade. Ainda não conseguimos atingir o cerne das estruturas que compõem a Educação. A Educação autoriza o Poder a partir do momento que não se compreendendo fica dispersa em várias linhas de pensamento permitindo intervenções diretas do Poder constituído em todas as esferas, mesmo não tendo conhecimento deste fato.

A falta de controle absoluto em determinados seguimentos gera a violência, que orienta a um caos social, embora todo caos tenha sua lógica e toda lógica solução. É bom que se deixe claro, que muitas vezes o Estado-Poder, não promove uma ação social direta para o caos, pois o distúrbio social interessa para manutenção ideológica de seu controle sobre a sociedade, independente de qual esfera haja. Algumas formulações construtivistas sugerem que o conhecimento é construído pelo sujeito, obrigando desta forma uma interação ser/objeto, o grande erro porém, reside no fato de muitos acharem não ser possível a coexistência sem controles entre Estado/Poder e Educação, esquecendo-se das relações sociais e da subjetividade como ação ideal para se alcançar o ser/ser. Construir um ser-cidadão, (se é que se possa construir um ser), o melhor termo a ser aqui utilizado seria trabalhar a formação do ser-cidadão, oportunizando dignidade e acesso ao saber em todos os níveis. Vejo nesta ação, uma possibilidade beligerante contra as pasmaceiras teóricas que invadem a Educação e que não permitem um olhar crítico sobre as opressões constante, mesmo porque, estaríamos retirando do Poder às rédeas que conduzem nossa Educação. Mas Educação não é Poder?

Isto trará as transformações necessárias? - Acredito que não, embora possa ocorrer uma evolução na história sócio-participativa, a participação política das chamadas “massas” muda e vão de encontro da das elites, (e outras vezes ao encontro dessas mesmas elites) tencionando-as, obrigando-as a superarem-se sob pena de perder a hegemonia e o Poder. As teorias “mágicas” que surgem no bojo destas mudanças histórico-sociais só reforçam o Poder, pois para cada momento histórico cria-se magicamente várias teorias, cada momento tem sua própria característica, uma característica que virá-a-ser constituída e construída. O conhecimento mal dimensionado gera uma fragmentação nas estruturas sociais, deixando-nos míopes, é preciso ousar, a “certeza é ilusória”, não devemos temer os velhos paradigmas, pois estes se vestem do “novo”, na tentativa de manter os grilhões sobre o conhecimento e a Educação.

A Educação é o Poder, estarão ainda coexistindo, por muito tempo, as angústias continuaram a dar o tom, e nestas mudanças, a filosofia e a história demonstram-se como fiéis companheiras, emprestando seus pressupostos para quebrar as correntes ideológicas, tentando fazer que a Educação seja Livre e o educador um ser- pensante-crítico.

Referência Bibliográfica

ARENDT, Hannah. A Vida do Espírito – o pensar, o querer e o julgar. Trad. Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ed. UFRJ, 1992

BAKTHIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1988

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Trad. Roberto Machado. 17 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002

_____.A ordem do Discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, 1996.

GIROUX, Henry. Ideologia, cultura e escolarização. In: Teoria crítica e resistência em educação – para além das teorias de reprodução. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. p. 160-220.

HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e outros. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001

_____.Ser e tempo. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia – Polêmicas do nosso tempo. 35 ed. São Paulo: 2002

_____.Educação – Do senso Comum à Consciência Filosófica. 12 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.